

A REPRESENTAÇÃO DA RAZÃO NEOLIBERAL EM O CORAÇÃO É O ÚLTIMO A MORRER, DE MARGARET ATWOOD

CARIM LUCIANE DA SILVA RODRIGUES¹
EDUARDO MARKS DE MARQUES²

¹UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – carimluciane@hotmail.com

²UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS – eduardo.marks@ufpel.edu.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho tem como objetivo discutir o texto de Margaret Atwood (2022), *O coração é o último a morrer*, como uma distopia neoliberal. Para essa tarefa, pretende-se discutir o que é a ideologia neoliberal, e suas implicações na literatura distópica, uma vez que não se trata de uma doutrina de cunho unicamente econômico, mas uma doutrina que propõe um modo de vida, uma subjetividade.

Quando se pensa em neoliberalismo, é quase instantânea a inferência da existência de um liberalismo, o que se chamou de liberalismo clássico. Este tem sua origem imbricada com a origem do capitalismo. Porém, é importante entender que o neoliberalismo não é simplesmente uma retomada do liberalismo, uma vez que consegue algo que o liberalismo não conseguiu: homogeneizar os discursos de diferentes instituições.

Dessa forma, no liberalismo, os discursos políticos, econômicos, morais, religiosos, estéticos e intelectuais tinham, cada um, seu lugar. Constituíam, portanto, o sujeito nas diferentes esferas da vida; o que fazia desse sujeito, um sujeito plural. O discurso liberal não infectava os demais, ficando restrinido às questões econômicas.

Fisher (2009) começa seu livro *Realismo capitalista* com o texto: *É mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. É justamente esse discurso, de que não há vida possível fora do sistema capitalista, que ele chama de *Realismo capitalista*. Segundo Harvey (2008), essa inexorabilidade do neoliberalismo é fruto de uma construção ideológica, para o qual foi fabricado um aparato conceitual.

Ainda, o neoliberalismo vai preencher uma importante lacuna deixada pelo liberalismo clássico ao inverter a questão da exploração e colocar o trabalho como capital. O trabalhador, mesmo que não seja dono dos meios de produção, também tem capital, pois o trabalho é capital, capital humano. É com essa virada de chave que o sujeito neoliberal é orientado por um ideal do eu, cujo modelo de sujeito é o modelo da empresa, aquele que é empreendedor de si mesmo. O efeito que se pretende é que o sujeito trabalhe para empresa como se fosse para si mesmo e assim qualquer sentimento de alienação é eliminado. Isso vai pressupor um modelo de concorrência e avaliação permanente nas relações (DARDOT; LAVAL, 2014, p. 322).

2. METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado a partir de uma pesquisa bibliográfica, que partiu da leitura da obra de Margaret Atwood, *O coração é o último a morrer* (2022), e leituras sobre o neoliberalismo, para analisar se o texto literário representa a razão neoliberal que constitui um discurso hegemônico e o sujeito neoliberal.



3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O coração é o último a morrer é uma distopia que representa o colapso do neoliberalismo em uma região dos Estados Unidos, causado pela especulação financeira. A grande maioria da população perdeu tudo, suas casas, seus empregos, como é o caso das personagens Charmaine e Stan. O jovem casal, que tinha começado uma vida cheia de sonhos para um futuro, teve que ir morar em seu carro. Sendo assim, eles passam a viver sempre expostos a saqueadores cujas intenções podem ser desde o roubo de bens materiais, até a prática de violências mais graves, conforme descrito na narrativa:

Antes, houve uma série de donos de carros atirados no chão de cascalho, por ali perto mesmo; esfaqueados, as cabeças esmagadas, sangrando até a morte. Ninguém se incomoda mais com esses casos, em descobrir quem é o culpado, porque isso levaria tempo, e somente os ricos podem se dar ao luxo de ter polícia.[...](ATWOOD, 2022, p. 26)

É nessa situação de desespero, que o casal resolve participar do Projeto Positron, um projeto que Charmaine vê sendo anunciado na mídia, que se estabelece na cidade de Consilience. Contudo, eles entraram sem saber o que realmente lhes esperava, vindo a saber somente depois de terem assinado seu consentimento em entrar no projeto. Ao assinarem, não haveria mais volta, já que não poderiam desistir. O projeto consistia em que seus participantes alternassem suas vidas, passando um mês como cidadãos em Consiliense e o mês seguinte como detentos, na prisão Positron, em que tinham que prestar trabalho. A ideia é que dessa forma haveria sustentabilidade econômica, e que todos, mesmo que pela metade da vida, teriam uma vida próspera.

O fato das personagens, na narrativa, aceitarem viver nessas condições, explicita o que Fisher (2009) chamou de Realismo capitalista, ou seja, o sistema colapsou, mas, mesmo assim, segue em frente, a despeito das consequências na vida das pessoas, nada podendo ser mudado.

Além disso, a razão neoliberal produz um sujeito que é sua própria fonte de eficácia (DARDOT, LAVAL, 2014, p. 337, 338). Se a fonte da eficácia do sujeito é ele mesmo, ele é o único responsável pelo que lhe acontece. É o que se observa na narrativa:

E Charmaine fizera o máximo possível. Ela se especializou em Gerontologia e Terapia Lúdica, porque vovó Win dissera que assim ela estaria bem-preparada. E Charmaine tinha empatia e um dom especial para ajudar as pessoas. E obteve seu diploma.

Não que isso faça qualquer diferença agora. (ATWOOD, 2022, p.26)

Na razão neoliberal, fabrica-se um novo sujeito, um sujeito empresarial, cuja empresa é ele mesmo. Esse sujeito precisa fazer as escolhas certas para maximizar os seus resultados. Charmaine, apesar de ter dado o máximo de si, como fica claro na narrativa, não deve ter feito as escolhas certas e teve que arcar com as consequências.

Stan se sente fracassado e impotente diante da situação em que ele e Charmaine estão vivendo. No texto literário as palavras “fracassado” e “demitido”, não por acaso, estão em itálico:

A compaixão de Charmaine torna tudo pior. Ela se esforça muito. “Você não é um *fracassado*”, dizia ela. “Só porque perdemos a casa e estamos dormindo no carro, e você ter sido...” Ela não quis dizer *demitido*. “E você não desistiu, pelo menos está procurando emprego. Essas coisas aconteceram com muita gente. Com a maioria das pessoas.” (ATWOOD, 2022, p. 16)

Se a culpa dentro dessa lógica é deles mesmos, por estarem nessa situação, é aceitável que passem a metade da vida encarcerados sem se sentirem alienados. Na narrativa, isso fica explicitado pela forma como eles reagem ao projeto. Segundo Han (2017), a coação, nessa mudança de sujeito, vem de dentro, é autocoação. Esse sujeito, por estar projetado em um eu ideal, é um projeto irrealizável, e o preço pago pelo fracasso é alto (HAN, 2017, p.101).

Como no neoliberalismo o sujeito é uma empresa, a concorrência é muito grande, Pois esse modelo pressupõe concorrência permanente nas relações. Portanto, o sujeito está sempre sob avaliação, dos que o cercam e de si mesmo. Na narrativa, é possível verificar como Charmaine é avaliada pelas outras detentas, ao ficar retida mais um mês em Positron, depois de já ter cumprido seus 30 dias de reclusão. As outras detentas “...falavam com ela em frases de duas palavras porque não sabiam em que tipo de desgraça ela se encontrava” (ATWOOD, 2022, p. 186). Ainda, a Própria Charmaine se sentiu humilhada quando foi afastada do seu posto de Administradora-chefe de medicamentos e passa a trabalhar dobrando toalhas na prisão (ATWOOD, 2022, p. 186). Toda essa concorrência e constante avaliação fabricam um sujeito individualista, sem empatia, como visto na narrativa.

O aprisionamento é uma resposta da redefinição do papel do Estado no neoliberalismo. Loïc Wacquant aponta em seu livro, *As Prisões da Miséria* (1999), para a criação de um grande mercado a partir do encarceramento de pessoas abandonadas pelo estado. Nessa ideologia, de submissão do Estado ao Mercado, pessoas competentes e responsáveis dispensam a ajuda do Estado. Assim, os incompetentes e os irresponsáveis devem ser penalizados, para que essa distorção de personalidade seja corrigida. Portanto, seria justo adotar um modelo de rigor penal para superar as falhas de personalidade dos pobres.

Como pode ser lido no texto, quando Jocelyn, uma das idealizadores do projeto Positron/Consilience, fala o que está acontecendo para Stan, manter as pessoas aprisionadas em Positron gera um grande lucro:

– Esqueça a construção civil – diz Jocelyn. – É uma atividade secundária. O principal negócio é a prisão. As prisões costumavam ter a ver com punição, mais tarde, reforma e penitência, e depois manter os infratores perigosos confinados. Assim, durante algumas décadas, elas tinham a ver com controle de multidão – encerrando os jovens agressivos, marginalizados, para mantê-los fora das ruas. E então, quando começaram a ser administradas como empresas privadas, elas tinham a ver com as margens de lucro dos fornecedores de refeições pré-embaladas para os prisioneiros, os guardas contratados e assim por diante. (ATWOOD, 2022, p. 175)

Dessa forma, *O coração é o último a morrer* (2022) representa esse grande mercado que se transformou o encarceramento das pessoas, no neoliberalismo.

4. CONCLUSÕES

É possível perceber, ao longo de toda a narrativa, a representação do neoliberalismo na distopia de Atwood (2022). Seja pelo que se discutiu como sendo o sujeito neoliberal, seja pela forma como o sistema posto na narrativa se apresenta como algo inexorável.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATWOOD, Margaret. **O coração é o último a morrer**. Tradução: Geni Hirata. Rio de Janeiro: Rocco, 2022. 414p.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: a natural History**. United Kingdom: Oxford, 2017. 569p.

DARDOT, P.; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo**: ensaio sobre a sociedade neoliberal. Tradução: Mariana Echalar. São Paulo: Boitempo, 2016. 402p.

DOWBOR, Ladislau. **O capitalismo se desloca**: novas arquiteturas sociais. São Paulo: Sesc, 2020. 196p.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Tradução: Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HARVEY, David. **O neoliberalismo**: história e implicações. Tradução: Adail Sobral e Maria Stela Gonçalves. São Paulo: Loyola, 2008. E-book. Disponível em: <<https://www.uc.pt/feuc/citcoimbra/Harvey2008>>. Acesso em: 28 ago. 2020.

WACQUANT, Loïc. **As prisões da miséria**. Tradução: André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 1999. 121p. E-book. Disponível em: <http://files.femadireito102.webnode.com.br/200000039-62f056357d/As%20Prisoes_da_Miseria%20Loic_Wacquant.pdf?fbclid=IwAR3w_IACtnye3dfT61vJXoYq1RNeVtE7IGbMdcZIUDWnAQacTxnzkRoEdlY>. Acesso em: 28 fev. 2020.